

C/EAÉ 2016

**Atas do II Congresso Internacional
Envolvimento dos Alunos na Escola:
Perspetivas da Psicologia e Educação
Motivação para o Desempenho Académico**

Feliciano H. Veiga (Coordenador), Anabela Pereira,
Carolina Carvalho, Fátima Goulão, Fernanda Marinha,
Iris Oliveira, Liliana Faria, Maria do Céu Taveira, Sara Bahia,
Ana Sofia Raposo, Suzana Nunes Caldeira.

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
2016

Com o apoio:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

U
LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

ie
Instituto de
Educação

Ficha técnica

Título:

Atas do II Congresso Internacional
Envolvimento dos Alunos na Escola:
Perspetivas da Psicologia e Educação
Motivação para o Desempenho Académico

Autores:

Feliciano H. Veiga (Coordenador) (Universidade de Lisboa),
Anabela Pereira (Universidade de Aveiro),
Carolina Carvalho (Universidade de Lisboa),
Fátima Goulão (Universidade Aberta),
Fernanda Marinha (Universidade de Lisboa),
Iris Oliveira (Universidade do Minho),
Liliana Faria (Universidade Europeia),
Maria do Céu Taveira (Universidade do Minho),
Sara Bahia (Universidade de Lisboa),
Ana Sofia Raposo (Universidade de Lisboa),
Suzana Nunes Caldeira (Universidade dos Açores).

Editor:

Instituto de Educação
Universidade de Lisboa

Design e paginação:

Sérgio Pires

ISBN: 978-989-8753-35-9

Dezembro 2016

Coordenador do Congresso

Feliciano H. Veiga

Comissão Organizadora

Feliciano H. Veiga (Universidade de Lisboa)
Anabela Pereira (Universidade de Aveiro)
Carolina Carvalho (Universidade de Lisboa)
Fátima Goulão (Universidade Aberta)
Fernanda Marinha (Universidade de Lisboa)
Iris Oliveira (Universidade do Minho)
Liliana Faria (Universidade Europeia)
Maria do Céu Taveira (Universidade do Minho)
Sara Bahia (Universidade de Lisboa)
Ana Sofia Raposo (Universidade de Lisboa)
Suzana Nunes Caldeira (Universidade dos Açores).

Comissão Científica

Feliciano H. Veiga (Portugal, Universidade de Lisboa) | Coordenador
Adelinda Candeias (Portugal, Universidade de Évora)
Adriana Ortiz (Argentina, Universidad Nacional de Salta)
Alberto Rocha (Portugal, ANEIS)
Alfonso Barca (Espanha, Universidade da Corunha)
Altermir Barbosa (Brasil, Universidade Federal Juiz de Fora)
Ana Almeida (Portugal, Universidade do Minho)
Ana Paula Caetano (Portugal, Universidade de Lisboa)
Ana Paula Relvas (Portugal, Universidade de Coimbra)
Ana Sofia Pinho (Portugal, Universidade de Lisboa)
Ana Veiga Simão (Portugal, Universidade de Lisboa)
Anabela Pereira (Portugal, Universidade de Aveiro)

Anne Marie Fontaine (Portugal, Universidade do Porto)
António Cachapuz (Portugal, Universidade de Aveiro)
António Gomes A. Ferreira (Portugal, Universidade de Coimbra)
António Neto (Portugal, Universidade de Évora)
Azancot de Menezes (Timor-Leste, Universidade de Díli)
Bento Silva (Portugal, Universidade do Minho)
Carmen León (Venezuela, Universidade Católica Andrés Bello)
Carolina Carvalho (Portugal, Universidade Lisboa)
Carlos Silva (Portugal, Universidade de Aveiro)
Carlos Albuquerque (Portugal, Instituto Politécnico de Viseu)
Cecília Galvão (Portugal, Universidade de Lisboa)
Domingos Fernandes (Portugal, Universidade de Lisboa)
Ema Oliveira (Portugal, Universidade da Beira Interior)
Ermelindo Peixoto (Portugal, Universidade dos Açores)
Estela Costa (Portugal, Universidade de Lisboa)
Eve Kikas (Estónia, Universidade de Tartu)
Fátima Goulão (Portugal, Universidade Aberta)
Fátima Morais (Portugal, Universidade do Minho)
Félix Neto (Portugal, Universidade do Porto)
Fernanda Leopoldina Viana (Portugal, Universidade do Minho)
Fernando A. Costa (Portugal, Universidade de Lisboa)
Fernando García (Espanha, Universidad de Valência)
Fernando Gonçalves (Portugal, Universidade do Algarve)
Filomena Ponte (Portugal, Universidade Católica)
Filomena Serralha (Portugal, Movimento da Escola Moderna e UCP)

Florêncio V. Castro (Espanha, Universidad de Extremadura)

Glória Franco (Portugal, Universidade da Madeira)

Gonzalo Musitu Ochoa (Espanha, Universidad Pablo Olavide)

Guilhermina Miranda (Portugal, Universidade de Lisboa)

Henrique Guimarães (Portugal, Universidade de Lisboa)

Isabel Festas (Portugal, Universidade Coimbra)

Isabel Janeiro (Portugal, Universidade de Lisboa)

Isabel Martínez (Espanha, Universidad de Castilla-La Mancha)

J. Esteves Rei (Portugal, Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro)

Jorge Adelino R. Costa (Portugal, Universidade de Aveiro)

Jailton Francisco (Brasil, Universidade Federal Fluminense)

João Filipe Matos (Portugal, Universidade de Lisboa)

João Justo (Portugal, Faculdade de Psicologia de Lisboa)

João Lopes (Portugal, Universidade do Minho)

João Nogueira (Portugal, Universidade Nova de Lisboa)

João Pedro da Ponte (Portugal, Universidade de Lisboa)

João Pinhal (Portugal, Universidade de Lisboa)

Joaquim B. Lopes (Portugal, Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro)

Joaquim Pintassilgo (Portugal, Universidade de Lisboa)

Jorge Ramos do Ó (Portugal, Universidade de Lisboa)

José-María Roman (Espanha, Universidad d e Valladolid)

Joseph Conboy (Portugal, Universidade de Lisboa)

Justino Magalhães (Portugal, Universidade de Lisboa)

Leandro Almeida (Portugal, Universidade do Minho)

Leonor Santos (Portugal, Universidade de Lisboa)

Lúcia Miranda (Portugal, ISET)

Luís Marques (Portugal, Universidade de Aveiro)

Luís Miguel Carvalho (Portugal, Universidade de Lisboa)

Luísa Cerdeira (Portugal, Universidade de Lisboa)

Luísa Faria (Portugal, Universidade do Porto)

Madalena Melo (Portugal, Universidade de Évora)

Manuela Esteves (Portugal, Universidade de Lisboa)

Marcelino Pereira (Portugal, Universidade de Coimbra)

Marcos Onofre (Portugal, Universidade de Lisboa)

Margarida Gaspar de Matos (Portugal, Universidade de Lisboa)

Margarida Pocinho (Portugal, Universidade da Madeira)

Maria Céu Taveira (Portugal, Universidade do Minho)

Maria da Conceição Alves Pinto (Portugal, ISET)

Maria João Mogarro (Portugal, Universidade de Lisboa)

Miguel Monteiro (Portugal, Universidade de Lisboa)

Maria Eduarda Duarte (Portugal, Faculdade de Psicologia de Lisboa)

Maria Paula Paixão (Portugal, Universidade de Coimbra)

Maria Violante Magalhães (Portugal, ESE João de Deus, Lisboa)

Mónica Baptista (Portugal, Universidade de Lisboa)

Natália Alves (Portugal, Universidade de Lisboa)

Odete Palaré (Portugal, Universidade de Lisboa)

Pedro Mourato (Portugal, Universidade de Lisboa)
Pedro Rocha Reis (Portugal, Universidade de Lisboa)
Pedro Rosário (Portugal, Universidade do Minho)
Raquel Guzzo (Brasil, Universidade PUC-Campinas)
Rosana Cintra (Brasil, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Rui Abrunhosa Gonçalves (Portugal, Universidade do Minho)
São Luís Castro (Portugal, Universidade do Porto)
Sara Bahia (Portugal, Universidade de Lisboa)
Saúl Jesus (Portugal, Universidade do Algarve)
Sérgio Claudino (Portugal, Universidade de Lisboa)
Shane Jimerson (EUA, University of Califórnia)
Shui-fong Lam (China, University of Hong Kong)
Ana Sofia Raposo (Portugal, Universidade de Lisboa)
Solange Wechsler (Brasil, Universidade PUC-Campinas)
Soraia Napoleão Freitas (Brasil, Univ. Federal Santa Maria)
Suzana Nunes Caldeira (Portugal, Universidade dos Açores)
Teresa Leite (Portugal, Universidade de Lisboa)
Vera Monteiro (Portugal, ISPA)
Viorel Robu (Roménia, Universitat Petre Andrei din Iasi)
Vitor Franco (Portugal, Universidade de Évora)
Vitor Trindade (Portugal, Universidade de Évora)
Yvette Solomon (Reino Unido, Manchester University).

Colaboradores:

Ana Frade
António Leite
Conceição Martins
Diana Galvão
Diogo Eiras
Filomena Carreira
Filomena Covas
Ilda Rodrigues
João Piedade
Maria Teresa Albino
Marta Tagarro
Niedja Martins
Nuno Archer
Rita Leonardo
Sónia Valente

- 11 **Nota de abertura**
Feliciano H. Veiga
- 13 **La Escuela Infantil... Un lugar para crear y sentir**
Isabel M. Gallardo Fernández
- 26 **Tic, cooperación y aprendizaje intergeneracional**
Pilar Rodrigo Lacueva, Eduardo García Zamora, Julio Fernández Portela
- 43 **O potencial da avaliação em Educação Física na promoção da motivação intrínseca, nas aprendizagens e no desenvolvimento das competências motoras**
Ana Quitério, Marcos Onofre, Maria João Martins, João Martins, João Costa
- 60 **El Alumnado como Recurso Principal para el Desarrollo de la Competencia de Compromiso Social en Trabajo Social Grupal**
Loreto Sáenz de Ugarte Sevilla
- 72 **El compromiso académico como una forma de evaluar la percepción de las metodologías activas en un grupo de estudiantes universitarios**
Anna Amadó Codony, Pilar Àvila Castells, Marissa Baraldés Capdevila, Helena Benito Mundet, Pere Boadas-Vaello, Joaquim Comas Matas, María Jesús Gutiérrez del Moral, Esther Llop Escorihuela, Antoni Martorano Gomis, Pilar Morera Basuldo, Marta Orts Alís, Ricard Rigall-i-Torrent y Carles Rostán Sánchez
- 84 **Inclusão de alunos com NEE nas escolas portuguesas: Perceções de professores de educação especial e de ensino regular**
Raquel Batista de Oliveira, Maria da Graça Amaro Bidarra, Maria Piedade Vaz-Rebelo
- 95 **El test de dibujo de una bicicleta - TDB**
Mirian Bericat Sierra, Teresa Fernández Turrado, Santos Orejudo Hernández, Luis F. Pascual Millán
- 109 **O mal-estar discente numa escola do outro século – Olhares de Alunos**
Carla Baptista, José Matias Alves
- 125 **Avaliação como controle do estudo: Perspetiva dos alunos**
Teresa de Jesus Correia Paulino dos Santos, Maria Palmira Alves
- 136 **Análise estatística de dependências de alunos da UTFPR-Medianeira**
André Sandmann, Renan Paula Ramos Moreno, Tais Tellini
- 145 **Perceções de Suporte Social e Envolvimento na Escola: Um estudo com adolescentes do 3º ciclo**
Catarina Pestana, Madalena Melo
- 159 **Envolvimento na escola de crianças de meios Socioeconómicos Desfavorecidos: De pequenino se “Torce o destino”?**
Madalena Melo, Cristina Fonseca, Norma Ferrarini
- 174 **Relatos autobiográficos da experiência escolar – marcas das influências contextuais no envolvimento dos alunos na escola**
António Calha
- 188 **Pedagogia de Projetos: Envolvimento de todos no Processo Educativo**
Patrícia Maria Reis Cestaro, Denise Rangel Miranda, Juliana Lima da Silva
- 196 **Projeto de Qualidade de Vida contribuindo para a permanência dos estudantes na Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Medianeira**
Magela Reny Fonticiella Gómez, Júlio Cesar Torres, Kess Jones Da Silva Müller
- 210 **Saúde e educação: Articulações possíveis e necessárias à inclusão, proteção e motivação**
Carla de Sant’Ana Brandão, Melissa Mota Felício, Claudiane Rodrigues Rufino, Felipe Zeferino Pê
- 227 **Assembleia escolar: Espaço de construção dos valores e de motivação para a participação ética e democrática**
Geórgia Helena Bueno Nery Garcia, Simone Andrade Hofstatter
- 240 **Socialização e envolvimento escolar dos alunos em contexto TEIP e NÃO-TEIP**
F. Carvalho
- 257 **Qualidade de vida em campanhas de motivação para a prevenção na área da deficiência auditiva /surdez**
Elíanes Terezinha Klein

- 266 **Apologia da sustentável leveza da leitura – e das bibliotecas – para a motivação, desempenho pessoal, académico e social**
Vera Maria da Silva
- 283 **Dinâmica emocional em diferentes ambientes virtuais de aprendizagem**
Maria Teresa Oliveira, Lina Morgado
- 299 **Contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação de adolescentes privados de liberdade**
Candida de Souza, Daniele Nunes Henrique Silva
- 312 **Participação efetiva do aluno nos projetos para aprender com motivação**
Analícia Bressane Lazaretti Frolidi, Eliane Palermo Romano
- 328 **Ensino Doméstico: A realidade do Concelho de Odemira**
Soraia Manuel
- 340 **Envolvimento de estudantes do ensino profisional na escola**
Cláudia Candeias, Madalena Melo
- 355 **Motivação: Em busca de um acerto concetual**
Isabel Paraíso
- 371 **El trabajo de la creatividad en las aulas inclusivas**
Rosabel Rodríguez, Rocío Salas, Georgina Rabassa, Aurelia Pardo
- 384 **La evaluación en formación profesional como mejora del proceso enseñanza aprendizaje en la resolución de problemas**
Antonio Fabregat Pitarch, Isabel Maria Gallardo Fernández
- 398 **Decision making on high school students**
Yılmaz Çoğalan, Melek Kalkan
- 404 **Estudantes universitários em situação de insucesso: Estratégias de autorregulação utilizadas e percebidas como importantes**
Ana Margarida Veiga Simão, Lourdes Frison, Sofia Oliveira, Joana Jardim, Tânia Seabra, Lúcia Basílio, Paula Paulino
- 418 **As habilidades sociais na infância e o envolvimento da criança na escola: Revisão sistemática**
Anabela Pereira, Rosa Gomes
- 430 **Desempenho académico, competências transversais e fatores pessoais**
Elisabete Fiel, Eloísa Guerrero, Lorenzo Blanco
- 447 **Características de las empresas organizadoras de actividades extraescolares**
Margarita Pino Juste, Lucía Pumares Lavandeira
- 461 **Vivências escolares perçecionadas pelos alunos: Relação dos alunos com a escola e com o saber escolar**
Sílvia Parreiral
- 475 **As artes performativas e a motivação dos estudantes para os desempenhos académicos: Perspectivas teóricas e práticas**
António Ângelo Vasconcelos
- 488 **Trabalho pessoal – Motivação para conhecer mais e melhor**
Maria Eneida Fiuza
- 502 **Metas académicas y rendimiento escolar en adolescentes en situación de riesgo**
Daniel Rodríguez-Rodríguez, Remedios Guzmán Rosquete
- 514 **Insucesso Escolar. Contributos da psicologia para uma região de elevada vulnerabilidade**
Marta Tavares, Suzana Nunes Caldeira, Osvaldo Silva
- 527 **Ensaio sobre a educação: A patologização do cotidiano escolar**
Geny Alexandre dos Santos, Francisca Paula Toledo Monteiro
- 540 **A autoavaliação e a heteroavaliação como estratégias motivadoras para as aprendizagens**
Maria Susley Pereira
- 552 **Autoeficácia como fator motivacional para o envolvimento do educador no pré-escolar**
Leticia Fleig Dal Forno, Adriana Yanina Ortiz
- 566 **Learning mathematics and learning to teach mathematics: Experience lived by the teaching students**
André Sandmann, André Inácio Melges, Shiderlene Vieira de Almeida
- 577 **O envolvimento dos pais na vida escolar: Formas, contextos e impactos**
Bruna Pinheiro, Henrique Ramalho, Alberto Cartagena
- 594 **Influencia de la implicación familiar en el rendimiento académico en educación primaria**
Agustín Godás-Otero, Elena Fernández-Rey
- 606 **Percepções docentes: Profissionalidade dos professores do 1º ciclo de Portugal e do Brasil**
Simone do Socorro Freitas do Nascimento

- 619 **Envolvimento de pais e professores na escola: Uma prática ou uma transferência de responsabilidade?**
Joel Severino da Silva
- 629 **Atitudes, autoeficácia e rendimento escolar em matemática: Percursos de (In)sucesso de rapazes e raparigas**
M. G. Bidarra, P. Vaz-Rebello, V. Alferes, C. M. Barreira, G. Franco Borges, F. M. Silva
- 639 **Biologia e química no ensino secundário geral de Timor-Leste – Perspetivas e construções interdisciplinares**
Maria Arminda Pedrosa, Alcina Mendes
- 656 **Identidades das gentes brasileiras: Outras vozes e outros olhares**
Anita Maria F. Da Silva, Danielle Rodrigues de Moraes, Giane Rena Cardoso Queiroz, Mariana Lenir M. de Jesus
- 671 **Motivação em leitura: O efeito do contexto sobre a compreensão de palavras por aprendentes de português como língua estrangeira**
Regina Lúcia Péret Dell Ísola
- 683 **A terra revela a sua história para estudantes do ensino fundamental em uma escola municipal da Bahia (Brasil)**
Rafaela Santos Chaves, Josefá Rosimere Lira da Silva, Simone Souza de Moraes, Rejâne Maria Lira da Silva
- 698 **Projetos em arte: uma proposta para aprendizagem da linguagem da dança na escola**
Kathya Maria Ayres de Godoy
- 710 **La educación artística en la formación inicial de maestros y maestras - Estudio de caso**
Alicia Pascual Fernández
- 726 **Formação complementar: Apoio pedagógico em matemática aos cursos de tecnologia e licenciatura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Medianeira**
Claudimara Cassoli Bortoloto, André Sandmann, André Inácio Mélgés
- 738 **Motivação, metacognição, sucesso académico e o envolvimento dos alunos nas atividades de investigação**
Jorge Gonçalves e Margarida Alves Martins
- 751 **O aluno como “protagonista” em uma aula de matemática: O ensino através da resolução de problemas**
Louise Lima, Ariana Cosme
- 768 **Atividades experimentais e motivação no ensino de ciências sob a ótica da neurociências**
Alexandra Moraes Maiato, Fernanda Antoniolo Hammes de Carvalho
- 782 **The university’s assistance for the teaching of mathematics on basic education**
André Sandmann, André Inácio Melges, Camila Menoncin
- 795 **A motivação docente descrita em uma narrativa de aula de uma educadora matemática**
Solange Aparecida Corrêa, Celi Espasandin Lopes
- 807 **Os outros do autoconceito: Estratégias promotoras de envolvimento em artes visuais**
Sofia Ré
- 819 **Dinâmicas de empoderamento e motivação dos alunos na escola**
Maria Cristina Campos de Sousa Faria
- 834 **Influência da relação tutor-tutorando na avaliação de um programa de tutorias no ensino superior**
Graça Andrade, Paula Macedo
- 849 **A linguagem simbólica da literatura infantil na prática docente interdisciplinar motivadora com criança: O desvelar de um labirinto...**
Jucimara Rojas, Ricardo Takaki, Paula Emboava
- 865 **Observar para refletir: O (des)envolvimento de um grupo de professores na (trans)formação das práticas pedagógicas**
Ana Salgado, Salústio Leandro, Teresa Graça, Dulce Martins
- 880 **Repercussões da mediação artística: Motivação e envolvimento de estudantes**
Arlene von Sohsten
- 893 **Satisfação com a vida e envolvimento académico no ensino superior**
Suzana Nunes Caldeira, Áurea Sousa
- 907 **Factores del aula que potencian la participación en las actividades escolares**
José María Fernández Batanero, Pedro José Arrifano Tadeu
- 920 **La creación de entornos colaborativos de aprendizaje mediante la participación activa de estudiantes**
Isidro Moreno Herrero, Raúl García Medina
- 932 **Adolescentes brasileiros envolvidos em situações de bullying escolar: Aspectos familiares e ambientais**
Wanderlei Abadio de Oliveira, Iara Falleiros Braga, Waldemar Brandão Neto, Simona Carla Silvia Caravita, Marta Angélica Iossi Silva

- 944 **Envolvimento na escola e saúde mental dos estudantes de ensino superior: Um projeto de investigação**
Filomena Covas e Feliciano H. Veiga
- 960 **Vivências nas praxes académicas e envolvimento na academia**
Experiences of hazing and involvement in the academy
Osvaldo Silva, Suzana Nunes Caldeira, Áurea Sousa, Maria Mendes, Maria José Martins
- 973 **Educação artística versus competitividade: Modelos de desenvolvimento**
João Paulo Queiroz
- 986 **Atitudes dos jovens alunos face a si próprios e ao ambiente: Um projeto de investigação**
Maria da Conceição Martins & Feliciano Henriques Veiga
- 1003 **O processo de inclusão de crianças com deficiência na educação infantil**
Antonia Zelina R. De Souza, Thelma Helena Costa Chahini
- 1013 **O envolvimento do orientador pedagógico nas escolas públicas do município de caxias (Brasil): Uma motivação a mais no desempenho académico.**
Viviane Penso Magalhães
- 1024 **Auto-regulação da aprendizagem e traços de personalidade em estudantes universitários**
Alexandra Barros & Ana Margarida Veiga Simão
- 1037 **O protagonismo infanto-juvenil na participação política de estudantes de escolas democráticas e inovadoras**
Isis Sousa Longo
- 1055 **Trotes académicos (praxes): Implicações para o envolvimento do aluno na universidade**
Maria Mendes, Raquel Ferreira Miranda, Nayara Nogueira Silva, Osvaldo Silva, Franklin Denis Lopes Vial, Felliipe Ribeiro Damasceno, Maria Inês da Costa Branquinho
- 1067 **Meninos não choram [?]: Discursos frente as experiências do luto na infância**
Fernanda Ramires, Edson Carpes Camargo
- 1081 **Implicações do inconsciente na prática pedagógica**
Jair José Maldaner
- 1094 **O erro nas aprendizagens: Para além dos processos cognitivos, qual o lugar do inconsciente?**
Jair José Maldaner
- 1109 **O envolvimento escolar de crianças com baixa visão no brincar: Significando o perceber na brinquedoteca**
Vânia Warwar Archanjo Moreira, Elcie Ap. Fortes Salzano Masini
- 1124 **A transição do 1º para o 2º ciclo do ensino básico: Representação de professores e alunos**
Edite Mendes Santos, Francisco Peixoto
- 1138 **Saúde dos professores: Um estudo bibliométrico**
Liberata Borralho, Adelinda Candeias
- 1152 **La influencia del uso del tiempo en el rendimiento académico en Matemáticas**
María Hurtado de la Peña, Carmen López Esteban
- 1175 **Motivar as crianças da educação infantil para a educação das emoções (estudo exploratório)**
Ernesto Candeias Martins
- 1193 **A ilustração científica e a argumentação como estratégias de investigação da aprendizagem em biologia (evolução)**
Jemile Aguiar de F.Bahiana, Rejâne Maria Lira-da-Silva

Trotes académicos (praxes): Implicações para o envolvimento do aluno na universidade

Academic hazing: Implications for the students' engagement in college

Maria Mendes¹, Raquel Ferreira Miranda², Nayara Nogueira Silva², Osvaldo Silva³,
Franklin Denis Lopes Vial², Fellipe Ribeiro Damasceno², Maria Inês da Costa Branquinho²

¹*Universidade dos Açores GaPEOS (Portugal),*

²*Universidade Federal de Viçosa-Campus Rio Paranaíba (Brasil)*

³*Universidade dos Açores, CICS.NOVA.UAc (Portugal)*

macmendes1@hotmail.com, raquel.miranda@ufv.br, nayara.nogueira.silva@gmail.com,

osvaldo.dl.silva@uac.pt, franklin.denis@hotmail.com,

fellipedamasceno@hotmail.com, mariacostabranquinho@gmail.com

Resumo

Enquadramento Conceptual: Os recém-chegados no ensino superior estão sujeitos à prática de trotes académicos que podem propiciar insatisfação em função do desenvolvimento de atividades que possuem teor humilhante, coercivo, opressivo e dominante (Custódio, 2009) ou satisfação diante de práticas integradoras. Nesta perspetiva, o trote pode mobilizar sentimentos positivos ou negativos no calouro mediando o modo como as relações calouro-veterano são estruturadas acarretando assim implicações na adaptação e envolvimento na vida académica. **Objetivos:** Objetivou-se identificar como estudantes dos dois primeiros anos de curso da Universidade Federal de Viçosa-Campus de Rio Paranaíba, Brasil, vivenciam e retratam as experiências com o trote académico. **Metodologia:** Participaram 574 estudantes, com média de idades de 19.98 anos, de dez cursos de bacharelado divididos entre os Institutos de Ciências: Humanas e Sociais (ICHS); Exatas (ICE); Biológicas e da Saúde (ICBS) e Agrárias (ICA). Para coleta de dados utilizou-se “Questionário de Dados Sociodemográficos e Académicos”, “Escala de Avaliação das Situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior” e a citação de dois adjetivos caracterizando os trotes. **Resultados:** Os resultados demonstraram que 22.8% dos inquiridos não participaram dos trotes e declararam-se “antitrote”. Os estudantes do ICE foram os mais favoráveis aos trotes, enquanto os do ICHS foram os que obtiveram pontuações mais baixas. Os estudantes do 2º ano expressaram um maior nível de concordância com os trotes comparativamente aos do 1º ano,

cabendo ressaltar que nesse período eles passaram a aplicar os trotes, ao invés de os receber. Na análise dos adjetivos cerca de 24.2% dos inquiridos expressaram uma opinião negativa sobre os trotes, 14.9% uma opinião ambivalente e 60.9% uma opinião positiva sobre os trotes. Os adjetivos utilizados apresentaram, primordialmente, características positivas, tais como, bom, legal, divertido, integrativo, engraçado. As características negativas foram menos frequentes, utilizando termos como violento, desnecessário, humilhante. **Conclusão:** Os estudantes percebem o trote como um fenómeno positivo, apesar de estarem atentos que aspetos negativos também o compõem.

Palavras-chave: Trote académico, praxes, adaptação académica.

Abstract

Conceptual Framework: The freshmen in higher education are subject to the practice of academic hazing that can provide dissatisfaction with the development of activities that have humiliating content, coercive, oppressive and dominant (Custodio, 2009) or satisfaction on integrative practices. In this perspective, hazing can mobilize positive or negative feelings in freshman mediating the way freshman-senior relationships are structured may cause implications in the students' adaptation to and involvement in the academic life. **Objectives:** The aim of the current study is to identify how students attending the first two years at the Federal University of Viçosa - Rio Paranaíba Campus, Brazil, experience and portray their experiences with academic hazing. **Methods:** Five hundred and seventy-four (574) students at mean age 19.98 years participated in the study. They were enrolled in ten different bachelor's degree courses divided in the following Institutes: Humanities and Social Sciences (ICHS); Exact Sciences (ICE); Biological and Health Sciences (ICBS), and Agricultural Sciences (ICA). The "Sociodemographic and Academic Data Questionnaire", the "Scale for Assessment of Bullying in Praxes Situations in Higher Education" as well as the quotation of two adjectives featuring hazing were used in the data collection. **Results:** The results showed that 22.8% of the respondents did not participate in the hazing rituals and declared to be "anti-hazing". The ICE students were the most favorable to hazing. Among them, the Production Engineering students were the most favorable to it, whereas the ICHS students showed the lowest scores, especially the Accounting students. The 2nd year students expressed higher level of agreement with the hazing rituals in comparison to the 1st year students. It is worth highlighting that, during this period, they started implementing the hazing rituals, instead of being subjected to them. Approximately 24.2% of the respondents expressed negative opinion about the hazing rituals, 14.9% expressed ambivalent opinion, and 60.9% expressed positive opinion. The adjectives they used had primarily positive features, namely: good, cool, funny, integrative, amusing. Negative features were less frequent, and the students used terms such as violent, unnecessary, and humiliating. **Conclusion:** The students perceive hazing as a positive phenomenon, although they are aware of the negative aspects involved in it.

Keywords: Academic hazing, praxes, academic adaptation.

1. Introdução

Na transição do ensino secundário para o ensino superior o estudante é confrontado com novos desafios, entre os quais, mudanças nos métodos de ensino, avaliações, hábitos de estudos (Guerreiro-Casanova & Polydoro, 2010), a separação dos amigos e muitas vezes da família, a criação de novos contatos e laços de amizades, e maior autonomia (Almeida, Gonçalves, Salgueira, Soares, Machado, Fernandes, Machado & Vasconcelos, 2003). Para além destes desafios, os recém-chegados no ensino superior ainda estão sujeitos à prática de trotes académicos. Estas podem propiciar insatisfação, quando as atividades são percebidas com teor humilhante, coercivo, opressivo e dominante (Custódio 2009) ou satisfação, quando percecionadas como socializadoras e integradoras.

2. Enquadramento conceptual

O trote académico é referenciado como sendo “um conjunto complexo de comportamentos que ocorrem durante o processo de integração dos recém-chegados a um grupo” (Bauer, Caldeira, Martins, Mendes & Silva, 2015, p.2). Durante o trote diversas atividades são desenvolvidas. Em geral, são práticas que envolvem humilhações e sofrimentos (Camilo, 2010), privação de sono (Sternner, 2008; Allan & Madden, 2008), ingestão forçada de bebidas alcoólicas, atos de servidão dos novatos para com os veteranos e diversos atos de abusos físicos e psicológicos (Knutson, Akers, Ellis & Bradley, 2011; Sternner, 2008; Allan & Madden, 2008). O calouro deve submeter-se a essas práticas como forma de se tornar parte do grupo ou equipa (Mcglone & Schaefer, 2008). Para Costa, Dias, Dias, Souza e Canela (2013, p.355) o trote “se refere a uma situação cultural, na qual abusar do outro é transformado em algo engraçado. O outro passa a ser objeto de diversão, de chacota, de ridicularização, de violência”, onde o calouro é considerado ignorante que necessita ser domesticado, motivo pelo qual recebe apelidos como, por exemplo, “bicho” (Zuin, 2011).

Entretanto, o trote pode ser percecionado de outro prisma, com conotação positiva. Isto é, como uma forma de apoiar o recém-chegado, fomentando a sua integração no ambiente académico, contribuindo para a sua adaptação (Vieira, 2013), e proporcionando-lhe novas oportunidades de conhecimento, nomeadamente o aprofundamento das suas redes sociais de apoio, especialmente entre pares (Tavares, 2008, in Sousa, Lopes & Ferreira, 2012).

As perceções sobre as práticas de trote parecem, ainda, estarem relacionadas às vivências ambíguas dos próprios calouros, como é indicado no estudo de Oliveira, Villas-Boas e Heras (2016), com 222 estudantes do 1º ano de uma universidade portuguesa. Nesse trabalho, muitos estudantes

referiram o trote como divertido (71.2%) e integrador (75.7%), ainda que parcialmente violento (60%) e causador de desconforto (49%), este expresso, sobretudo, através do choro (38%). Martins, Caldeira, Silva, Botelho e Mendes (2015), num estudo com 334 estudantes portugueses, também recolheram posições díspares. Enquanto, 38.75% do grupo em estudo identificou o trote como positivo, adjetivando-o como integrador e divertido, 37.50% classificou-o como negativo, adjetivando-o como humilhante e violento. Do mesmo modo, no estudo de Mascarenhas, Matos, Jesus e Galdino (s.d.), realizado com estudantes brasileiros e portugueses, observou-se que o trote foi percebido como mais integrador do que ameaçador, embora cerca de 40% dos inquiridos tenham apresentado uma relação negativa com o trote.

Em estudos realizados no Brasil, a perceção positiva ou ambígua dos trotes, mesmo em situações onde o trote envolve práticas violentas, parece retratar a realidade de cursos socialmente valorizados, nas áreas das ciências da saúde e exatas, que apresentam alta concorrência para o ingresso, dão acesso a profissões com maior reconhecimento social e maior retorno financeiro (Almeida Jr., 2015; Vieira Segundo, 2007; Almeida Jr. & Queda, 2006; Zuin, 2002; Tommasino & Jeolás, 2000). Neste cenário os trotes são como um ritual de inserção em um grupo seletivo e por isso os que participam parecem considerar válido submeterem-se a situações diversas. A perceção positiva dos trotes por estudantes da área da saúde pode ser observada em estudo realizado no Brasil por Costa, Dias, Dias, Souza e Canela (2013). Os autores verificaram que entre 202 estudantes brasileiros da área da saúde 77.5% dos participantes afirmaram não ver o trote académico como forma de violência, percebendo-o como atrativo; entretanto os não participantes relataram constrangimento.

A literatura indica que ao aderir ao trote académico, os calouros podem encontrar um componente facilitador da integração frente às novas dinâmicas relacionais a que estão expostos na universidade, possibilitando a promoção do sentimento de pertença (Pimentel, Mata & Pereira, 2012; Sousa, Lopes & Ferreira, 2012; Vieira, 2013). As vivências de integração no trote podem ser um indicador positivo para o envolvimento do calouro no contexto académico pois, estas atividades estimulam o convívio entre os estudantes, contribuindo para o sentimento de pertença e uma boa adaptação do calouro. Entretanto, se o calouro for alvo de situações trotistas que envolvam humilhações, embaraços ou quaisquer outras formas de violência física ou psicológica, o sentimento de pertença e o envolvimento académico podem ser afetados, comprometendo o processo de aprendizagem e o desempenho escolar ou até mesmo acarretando a evasão académica.

2.1 Os trotes na Universidade Federal de Viçosa–Campus de Rio Paranaíba (UFV-CRP)

Nos trotes aplicados na UFV-CRP há três eventos predominantes: o trote solidário, o trote de curso e as calouradas. O trote solidário caracteriza-se por atividades coordenadas pela Universidade e envolve a doação de alimentos não perecíveis e agasalhos para abrigos que acolhem idosos e crianças, doações de sangue, apresentação das instalações da instituição e palestras de boas-vindas. Os trotes do curso e as calouradas ocorrem em ambiente fora da universidade, pois a ocorrência no espaço universitário é proibida.

Os trotes do curso e as calouradas ocorrem nas repúblicas (moradias compartilhadas entre estudantes), ruas e bares da cidade. Os calouros são, em geral, chamados de “bixo” (os homens) e de “bixete” (as mulheres) e, durante os trotes, ainda recebem apelidos específicos também humilhantes. Os apelidos, geralmente, estendem-se durante toda a vida académica do universitário, demonstrando a importância desses primeiros encontros entre veteranos e calouros.

Na rua, os veteranos cortam ou rasgam as roupas dos calouros, lambuzam-nos de tinta ou ovos e rapam cabelos e sobrancelhas dos rapazes que são obrigados a ingerir doses de cachaça misturada com unhas cortadas de veteranos, a mastigar cebola e alho, a colocar banana na boca e passa-la para a boca de outro calouro sem o uso das mãos, e os rapazes devem fazer declarações de amor para as raparigas. Deitam-se no chão e rolam uns por cima dos outros, andam pelas ruas da cidade visando arrecadar de dinheiro que financia a compra de bebidas alcoólicas para a calourada a ser realizada nas repúblicas. No interior da república são colocados água e sabão sobre uma lona para que os calouros escorreguem. Os veteranos batem palmas, gritam, tiram fotos e gravam vídeos para compartilharem nas redes sociais.

Para o calouro que deseja ser morador de uma república, o trote ocorre durante meses. As práticas envolvem situações humilhantes como: tomar uma “vitamina nutritiva” de ovo cru (com casca) batido no liquidificador, adicionados leite, pó de café, farinha; deitar e rolar na terra de algum lote vago; rapar permanentemente os cabelos. Homens e mulheres devem usar uma placa de papelão no pescoço com o apelido de “batismo” no trote em que participou, bem como o nome da república em que estão morando, visando promover o lugar e, conseqüentemente, conquistar mais influência sobre os estudantes. Os calouros são responsáveis pela realização das tarefas domésticas de limpeza completa da república; realizam as refeições debaixo da mesa; têm o colchão retirado da cama, dentre outros “castigos”. São impostas tarefas como servir bebidas aos convidados, pegar a mulher mais gorda da festa, beijar a pessoa do mesmo sexo, dançar com a mulher mais feia, limpar toda bagunça após as festas, limpar vômitos. Em geral, a libertação anual dos calouros, quando cessam os trotes, ocorre no dia 13 de maio, data em que se comemora, no Brasil, o dia da libertação dos escravos.

Neste cenário e considerando todos os outros desafios que são colocados ao recém-chegado na transição do ensino secundário para o superior, esta investigação objetivou identificar como estudantes dos dois primeiros anos de curso da Universidade Federal de Viçosa-Campus de Rio Paranaíba, Brasil, vivenciam e retratam as experiências com o trote académico, se o percebem como um fenómeno positivo ou negativo. A partir dessas percepções, procurou-se depreender implicações para o envolvimento do estudante na academia.

3. Metodologia

O estudo foi desenvolvido num campus universitário que está localizado no interior do estado de Minas Gerais, Brasil, numa cidade com 11885 habitantes (IBGE, 2010). Participaram no estudo 574 estudantes da Universidade Federal de Viçosa-Campus de Rio Paranaíba (UFV-CRP), sendo 50.4% do sexo masculino e 49.6% do feminino. As idades dos inquiridos estão compreendidas entre os 17 e os 42 anos, sendo a média de 19,98 (± 3.13) anos. Do total de inquiridos, 69.8% frequenta o 1º ano e 30.2% o 2º ano de cursos de Bacharelado que pertencem aos Institutos de Ciências Biológicas e Saúde (ICBS), Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Ciências Exatas (ICE), Ciências Agrárias (ICA).

Para a recolha de dados utilizou-se o “Questionário de Dados Sociodemográficos e Académicos”, a “Escala de Avaliação das Situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior” (EASBPES), de Matos, Jesus, Simões e Nave (2010) e a citação de dois adjetivos caracterizando os trotes. As variáveis sociodemográficas estudadas foram o Instituto em que o curso se insere, o ano frequentado, o curso frequentado e o tipo de participação nas praxes.

A EASBPES é um instrumento constituído por 15 itens de autorresposta, numa escala *Likert* (1 -Discordo totalmente a 5 - Concordo totalmente) que avalia a relação positiva com os trotes, a relação negativa com os trotes e a dimensão social. A consistência interna dos itens da EASBPES, considerando a amostra global, é boa, dado o valor obtido para o coeficiente alfa de Cronbach (0.828). Foi calculada a pontuação total (soma das pontuações obtidas nos quinze itens) para cada um dos indivíduos, a qual pode variar entre 15 e 75. Tanto maior for a pontuação total obtida na EASBPES mais favorável é um indivíduo aos trotes. Na amostra em análise as pontuações totais obtidas nesta escala variaram entre 19 e 75 (média=55.44; mediana=55). Os dados foram analisados utilizando estatística descritiva, testes de hipóteses não paramétricos (Mann-Whitney, Kruskal-Wallis) e o método de Análise Classificatória não hierárquico das k-médias.

Os adjetivos apresentados pelos estudantes para caracterizar os trotes foram submetidos a uma análise de respostas múltiplas e a uma análise de conteúdo, da qual resultou a recodificação dessas

respostas em três categorias que refletem a opinião dos estudantes sobre as praxes (1-Negativa, 2-Ambivalente, 3- Positiva). Essa categorização, que originou uma nova variável “Opinião relativa aos trotes”, foi efetuada com base no seguinte critério: dois adjetivos de conteúdo/teor desfavorável/negativo refletem uma opinião negativa; um adjetivo favorável e outro desfavorável refletem, no seu conjunto, uma opinião ambivalente; dois adjetivos de conteúdo favorável/positivo refletem uma opinião positiva.

4. Resultados e Discussão

De acordo com a análise dos dados da EASBPES, na avaliação da adesão aos trotes constatou-se que 22.8% dos estudantes indicam não participar nos trotes e declararam-se “antitrote”, 27.2% não participaram em “quase nada”, mas não se declararam “antitrote”, 22.1% participaram somente como calouros, 11.2% participaram em apenas algumas atividades e 16.7% participaram ativamente em quase todas as atividades (trote solidário, trote do curso e calourada).

Considerando as três práticas de trote, verificou-se que a maior parte (67.9%) dos inquiridos não participou do trote solidário, prática proposta pela instituição, quase metade (45%) não participou dos trotes do curso caracterizado por festas direcionadas aos calouros de um curso específico e uma elevada proporção (40.3%) dos estudantes não participou nas calouradas, festas realizadas nas repúblicas (moradias compartilhadas pelos estudantes).

A partir dos itens da EASBPES que avaliam a “relação positiva com os trotes” verificou-se que 52.9% apresentaram uma opinião desfavorável e 47.1% dos inquiridos apresentaram uma opinião favorável. Em contrapartida, nos itens que avaliam a “relação negativa com os trotes”, cerca de 93.7% dos estudantes manifestaram agrado com os trotes. No caso da pontuação obtida nos itens que avaliam a “dimensão social”, verificou-se que 18.7% dos inquiridos apresentaram uma opinião desfavorável e 81.3% uma opinião relativamente favorável, o que indica que consideram que as práticas de trotes contribuem para a integração dos calouros. Assim como observado no estudo de Oliveira, Villas Boas e Heras (2016) encontramos vivências ambíguas dos estudantes em relação aos trotes. A ambiguidade observada pode estar relacionada às práticas dos trotes a que são submetidos os estudantes participantes, visto que há situações humilhantes, baseadas na relação de subordinação calouro-veterano.

Em relação à pontuação total obtida na EASBPES, considerando os valores das médias das ordens (MR), observou-se diferenças significativas entre os anos de curso dos inquiridos. Os estudantes do 2º ano apresentaram um maior nível de concordância com os trotes (MR=282.71) comparativamente

aos do 1º ano (MR=248.38), cabendo analisar que aqueles estudantes aplicam os trotes. Em relação ao curso, os estudantes de Engenharia da Produção, do ICE, foram os mais favoráveis aos trotes (MR=338.39), enquanto os das Ciências Contábeis, do ICHS foram os que obtiveram pontuações mais baixas (MR=178.83). Quanto ao Instituto, os estudantes do Instituto de Ciências Exatas foram os mais favoráveis aos trotes (MR=310.789), enquanto os do Instituto de Ciências Humanas e Sociais foram os que obtiveram pontuações mais baixas (MR=208.68).

Aplicando o método não hierárquico das k-médias, os inquiridos foram divididos em três classes de acordo com a pontuação total obtida na EASBPES: “Classe 1”, com pontuações totais mais baixas (entre 19 e 46), referem-se aos que simpatizam menos com os trotes; “Classe 2”, com pontuações intermédias (47 a 59), inquiridos que apresentam uma relação mais moderada com os trotes; e “Classe 3”, com pontuações mais elevadas (60 a 75), que apresentam uma relação mais favorável com os trotes. Na “Classe 1” encontram-se 21% dos estudantes, entre estes houve pouca participação nos trotes e a maioria é do Instituto de Ciências Humanas e Sociais; na “Classe 2”, 40.9% dos estudantes apresentam pontuação média e participaram muito pouco dos trotes; e na “Classe 3”, 38.1% dos participantes apresentam pontuação alta por participaram do trote e destes 52.2% dos estudantes são do Instituto de Ciências Exatas.

Passando para a análise dos adjetivos citados, no que se refere à opinião global dos estudantes sobre os trotes conclui-se que cerca de 24.2% dos inquiridos expressaram uma opinião negativa, 14.9% uma opinião ambivalente e 60.9% uma opinião positiva.

Em termos dos adjetivos mais frequentemente indicados observou-se que o adjetivo “integração” foi referido por 20.3% dos inquiridos e corresponde a 10.6% do total de respostas. O segundo adjetivo mais citado, referido por 17.1% dos estudantes, foi “desnecessárias” e corresponde a 8.9% das respostas. O terceiro adjetivo mais verbalizado, “divertido”, foi referido por 14% dos estudantes e corresponde a 7.3% das respostas. O quarto adjetivo mais verbalizado, “interação”, foi referido por 13% dos estudantes e corresponde a 6.8% das respostas. O uso dos adjetivos integração e divertimento também foi relatado num estudo de Martins, Caldeira, Silva, Botelho e Mendes (2015). Com relação ao uso dos adjetivos por Instituto, pode-se observar que os estudantes do ICE apresentaram adjetivos negativos com menor frequência (16.7%), enquanto estudantes do ICHS apresentaram adjetivos negativos com maior frequência (34.1%). E os adjetivos positivos foram mais utilizados pelos estudantes do ICA (68.1%) e do ICE (65.7%). Comparando com os resultados da EASBPES, também se observou que os estudantes do ICHS se apresentaram mais desfavoráveis aos trotes, enquanto os do ICE se apresentaram mais favoráveis.

Numa análise dos adjetivos por ano do curso, observou-se que os estudantes do primeiro ano, utilizaram primordialmente, adjetivos positivos (56.7%), mas o uso de adjetivos negativos (25.8%) foi levemente superior ao dos estudantes do segundo ano (18.4%). O uso de adjetivos positivos por

estudantes do segundo ano foi de 72.4%. Cabe ressaltar que os estudantes do primeiro ano são submetidos aos trotes e talvez por isso mais sensíveis aos efeitos negativos do mesmo. Na EASBPES os estudantes do 2º ano também apresentaram um maior nível de concordância com os trotes.

Em relação ao uso de adjetivos negativos por curso, as percentagens mais elevadas foram as relativas aos estudantes de Ciências Contábeis (45.6%) e aos de Nutrição (41.5%). Estes resultados corroboram com os resultados da EASBPES que identificou os estudantes de Ciências Contábeis como menos favoráveis aos trotes. Os cursos com percentagens mais baixas referentes ao uso dos adjetivos negativos foram os de Ciência dos Alimentos (9.7%) e Engenharia de Produção (13.3%). Na EASBPES os estudantes do curso de Engenharia da Produção apresentaram-se como os mais favoráveis aos trotes. Os adjetivos positivos foram relatados pelos demais cursos com percentagens acima de 63.5%.

O uso de adjetivos como “integração”, “interação”, “divertido” podem sinalizar a percepção de que os trotes cumprem o papel de socializar o recém-chegado na Universidade, propiciando a interação e integração dos mesmos por meio de atividades “divertidas”. Neste contexto é de referir que o uso dos adjetivos “integração” e “divertimento” também foi relatado num estudo de Martins, Caldeira, Silva, Botelho e Mendes (2015) com estudantes portugueses.

Apesar do adjetivo negativo mais utilizado ter sido “desnecessário”, outros adjetivos como “violento” e “humilhante”, foram citados.

5. conclusão

O resultado referente a área de formação evidenciou diferenças na percepção dos trotes, tanto na EASBPES quanto no uso de adjetivos. Os estudantes do Instituto Ciências Humanas e Sociais apresentam-se mais desfavoráveis aos trotes e com percentagens mais elevadas no uso de adjetivos negativos para caracterizar o trote. Os estudantes do Instituto de Ciências Exatas apresentaram pontuações mais elevadas na EASBPES, isto é mais favoráveis aos trotes, e utilizaram primordialmente adjetivos positivos, sendo que, na Universidade em estudo, neste Instituto estão inseridos os cursos mais concorridos e valorizados socialmente, o que parece corroborar com os resultados de outros estudos referidos na literatura (Almeida Jr., 2015; Vieira, 2007; Almeida Jr. & Queda, 2006; Zuin, 2002; Tommasino & Jeolás, 2000) que indicam maior aceitação dos trotes entre estudantes de carreiras socialmente valorizadas e mais concorridas para o ingresso na universidade.

É possível identificar uma percepção negativa dos trotes por parte de alguns estudantes, sendo que mais de 40% dos estudantes indicaram não participar ou não participaram em “quase nada” das atividades, sendo que destes não participantes, 22.8% declaram-se “antitrote”, e ainda uma proporção

relativamente significativa, 17% dos estudantes, indicaram-no como “desnecessário”, possivelmente baseados no estabelecimento de relações assimétricas, de subordinação entre veteranos e calouros, sendo estes últimos submetidos às situações violentas e/ou humilhantes. Entretanto, os índices totais da EASBPES e o uso de adjetivos positivos indicaram uma perceção mais positiva dos trotes, pois, 38.1% dos estudantes, de acordo com esta escala, referem ter boa relação com o trote e ainda fazem o uso dos adjetivos positivos como integração, interação, divertimento o que pode sugerir que os trotes podem funcionar como facilitadores para a adaptação e envolvimento académico dos recém-chegados.

Estes resultados não são conclusivos sobre o papel do trote para o envolvimento/adesão/integração do estudante do ensino superior, na etapa da transição para a academia, o que pode se configurar em um interessante campo de estudos. Visto que os estudos relativos aos trotes têm apontado para a necessidade de foco em práticas que venham favorecer a socialização e ajustamento do recém-chegado à realidade académica em detrimento de práticas tradicionalmente pautadas em humilhação e violência.

NOTAS

¹ Cursos de Bacharelado em Administração, Agronomia, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências de Alimentos, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Nutrição e Química.

Referencias

- Allan, E. J., & Madden, M. (2008).** Hazing in view: college students at risk. Initial findings from the national study of student hazing. Disponível em https://ocm.auburn.edu/stop_hazing/National_Hazing_Study.pdf
- Almeida Jr. A.R., & Queda, O. (2006).** *Universidade, preconceitos e trote*. Hucitec.
- Almeida Jr., A. R. (2015).** Trotes, violências e democracia nas universidades. *Revista Diversitas*, 3, 19-57.
- Almeida, L. S., Gonçalves, A., Salgueira, A. P., Soares, A. P., Machado, C., Fernandes, E. M., ... & Vasconcelos, R. (2003).** Expectativas de envolvimento académico à entrada na universidade: estudo com alunos da Universidade do Minho. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, pp. 3-15.
- Bauer, Y. B. R., Caldeira, S. N., Martins, M. J. D., Mendes, M., & Silva, O. (2015).** About hazing in higher education. *European Scientific Journal*, Special Edition, 1 - 17. Disponível em <http://eujournal.org/index.php/esj/article/view/6131/5915>
- Camilo, A. (2010).** Do trote universitário como atentado aos direitos da personalidade do académico. *XIX Encontro Nacional do Conpedi*, 5002-5013. Disponível em <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4005.pdf>
- Costa, S., Dias, O., Dias, A., Souza, T., & Canela, J. (2013).** Trote universitário: diversão ou constrangimento entre os académicos de saúde?. *Revista Bioética*, 21 (2), 250-258. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v21n2/a19v21n2.pdf>
- Custódio, M.S. (2009).** *Passagens: o trote nas universidades brasileiras*. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Disponível em <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000042/00004236.pdf>
- Guerreiro-Casanova, D. & Polydoro, S. (2010).** Integração ao ensino superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. *Psicologia: Ensino & Formação*, 1 (2), 85-96. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2177-20612010000200008&script=sci_arttext&tlng=pt
- IBGE (2010).** *Censo demográfico 2010*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>
- Knutson, N., Akers, K., Ellis, C., & Bradley, K. (2011).** Applying the Rasch model to explore new college sorority and fraternity members - perceptions of hazing behavior. In *Mid-Western Educational Research Association annual meeting*. Disponível em http://www.uky.edu/~kdbrad2/MWERA_Nikki.pdf
- McGlone, C., & Schaefer, G. (2008).** After the haze: legal aspects of hazing. *Entertainment & sports law*; 6(1). Disponível em http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/law/elj/eslj/issues/volume6/number1/mcglone_schaefer
- Martins, M. J. D., Caldeira, S. N., Silva, O. D. L., Mendes, M., & Botelho, S. P. (2015).** O que pensam os estudantes de enfermagem sobre as praxes académicas? *Actas do XIII Colóquio Internacional de Psicologia e Educação*, 431-446. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3728/3/EstudantesEnfermagemPraxesAcademicas.pdf>

- Mascarenhas, S., Matos, F., Jesus, S., & Galdino, Z.** (n.d.). *Diagnóstico e avaliação das praxes ou trotes – Um estudo transcultural com universitários de Portugal e do Brasil*. Disponível em: <http://portal.metodista.br/metodista.br/ev/psicologiadasaude/anais1/2011/comunicacaooral/co22/TEXT0%20INTEGRAL%20%20Escala%20Para%20Avaliacao%20Das%20Situacoes%20De%20Bullying%20Nos%20Trotes%20Do%20Ensino%20Superior%20Ap.pdf/view>.
- Matos, F., Jesus, S., Simões, H., & Nave, F.** (2010). Escala para avaliação das situações de bullying nas praxes do ensino superior. *Psyc@w@re*, 3 (1). Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/ipc/2007-2010/revista/c6944bceb08cb00930b00b6645171101.pdf>
- Oliveira, C. S., Villas-Boas, S., & Heras, S. L.** (2016). Assédio no ritual da praxe académica numa universidade portuguesa. *Sociologia, Problemas e Práticas* (80), 49-67. Disponível em <http://spp.revues.org/2073>
- Pimentel, M., Mata, M., & Pereira, F.** (2012). Práticas iniciáticas de integração no ensino superior. Um ritual institucionalizado ou um processo de (des) integração? In *Atas do V Encontro do CIED-Escola e Comunidade*, 393 – 401. Disponível em https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/8975/1/Atas000_V_Encontro_Cied%20Praxe.pdf
- Sousa, R., Lopes, A., & Ferreira, E.** (2012). O processo de adaptação dos estudantes ao ensino superior: um estudo com estudantes de uma escola de educação e de uma escola de saúde. *Ensino Superior: Inovação e qualidade na docência* (8574-8585). Disponível em http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id=24676.
- Sterner, R.** (2008). *The History of Hazing in American Higher Education*. Oregon State University. Disponível em <https://ruthsterner.files.wordpress.com/2008/05/histpdf.pdf>
- Tommasino, K., & Jeolás, L. S.** (2000). O trote como um ritual de passagem: o universal e o particular. *Revista Mediações*, 5 (2), 29-49. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2000v5n2p29>
- Vieira, P.** (2013). *Vivências da praxe académica: percepção de integração e ansiedade na transição para o ensino superior*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento. Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Vieira, L. C.** (2007). Trote universitário e o fenómeno bullying. *Impetus*.
- Zuin, A. A.** (2002). O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação. Editora Cortez.
- Zuin, A. A.** (2011). O trote universitário como violência espetacular. *Educação e Realidade*, 36(2), pp.587-604. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13132/12929>